

Abram Alas: Uma história sobre as marchinhas¹

Sarah ABDALA²

Taiana FONSECA³

Geraldo Marcio Pesres MAINENTI⁴

Faculdades Integradas Hélio Alonso – Facha, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo deste trabalho é pesquisar, para a produção de um vídeo jornalístico, a história das marchinhas carnavalescas no Brasil, através de entrevistas com autores, historiadores e compositores relevantes na literatura e na música popular brasileira. Observou-se que o carnaval no país, do Século XVI ao XXI, teve influência de costumes europeus, mas sempre preservou características próprias do Brasil, sendo uma delas, a marcha, popularizada como marchinha, gênero musical que garantia a originalidade e a alegria do carnaval. As marchinhas tomaram conta dos salões e das ruas das cidades, revelando, com a ajuda do rádio, compositores e intérpretes. Com a ascensão de outros gêneros, como o samba-enredo, o interesse da indústria fonográfica por ela diminuiu, mas a marchinha permaneceu no imaginário popular e ainda é um dos ritmos preferidos dos foliões, no carnaval.

Palavras-chave: audiovisual; telejornalismo; documentário; carnaval; marchinhas.

Introdução

Pesquisou-se nesse projeto experimental as raízes da marcha de carnaval como gênero musical, em consulta bibliográfica que permitisse a análise de sua história, seu discurso e linguagem, evidenciando compositores e intérpretes que foram de grande importância para a consolidação da marchinha; e o papel do rádio e dos blocos carnavalescos como divulgadores do gênero.

Depois de buscar inspirações na Europa, o carnaval brasileiro conseguiu construir uma identidade própria - e a marcha de carnaval é a representação dessa construção. A marcha, popularmente conhecida como “marchinha”, teve sua origem no carnaval carioca e, com seu ritmo alegre e temas satíricos, ganhou as ruas e os bailes das cidades brasileiras.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém-formada no Curso de Jornalismo da Facha-Rio, email: sarahabdala2@gmail.com

³ Recém-formada no Curso de Jornalismo da Facha-Rio, email: taifonseca13@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Facha-Rio, email: geraldo.jornalismo@gmail.com

A marcha de carnaval viveu seu auge nas décadas de 1950 e 1960. Depois do surgimento de outros gêneros para brincar o carnaval, como, por exemplo, o samba-enredo, a mídia e a indústria fonográfica deixaram de veicular com a constância anterior as marchinhas e, sem uma renovação musical, a marcha de carnaval perdeu espaço na maior festa popular do país.

A extrema relevância do carnaval para a cultura popular instigou as jovens pesquisadoras desse trabalho a estudar as raízes desse que é um dos mais importantes gêneros musicais de época e a propor um debate que coloque em primeiro plano a relevância da marcha de carnaval, sob a perspectiva de compositores, intérpretes e historiadores ouvidos no documentário resultante desse projeto experimental de iniciação científica universitária.

O trabalho desenvolveu-se, fundamentalmente, através de pesquisa de campo, com entrevistas de personalidades relevantes para a história do carnaval, que ilustram os subtemas abordados no projeto, tendo como objetivo demonstrar a importância da produção musical desse gênero para a música popular brasileira.

Através da produção do documentário, de todo o material coletado nas pesquisas documental e bibliográfica e das entrevistas concedidas por João Roberto Kelly, compositor, Pedro Ernesto, presidente do Cordão da Bola Preta, Osmar Frazão, historiador e radialista, e Felipe Ferreira, pesquisador, buscou-se responder à pergunta: Qual a importância da produção musical da marcha de carnaval para a música popular brasileira?

Para alcançar o objetivo principal procurou-se perseguir alguns objetivos específicos: analisar as origens do carnaval brasileiro; analisar a história musical carnavalesca: os gêneros musicais presentes nos bailes do carnaval brasileiro a partir do século XIX; analisar obras de compositores de marcha; analisar as obras dos principais intérpretes de marcha; analisar o papel do rádio e dos blocos na consolidação do gênero musical na cultura popular; e provocar uma discussão sobre os resultados obtidos através das informações coletadas.

O processo de construção do documentário teve, como primeira etapa, a pesquisa bibliográfica sobre o tema, para o desenvolvimento de um relatório cronológico dos fatos relevantes que o envolvem. Partiu-se, a seguir, para a elaboração de um roteiro de produção de entrevistas e para a captação de imagem e som. Por fim, a decupagem do material bruto coletado permitiu a elaboração de um roteiro de edição, partindo-se, em seguida, para a edição e finalização, em *Final Cut Seven*.

Obteve-se, como resultado desse projeto experimental, um documentário de duração de 28 minutos, que traz entrevistas concedidas por João Roberto Kelly, compositor, Pedro Ernesto, presidente do Cordão da Bola Preta, Osmar Frazão, historiador e radialista, e por Felipe Ferreira, pesquisador. Permeou-se os fatos narrados pelos entrevistados, com obras de João de Barro, Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa, Vicente de Paiva, Haroldo Lobo, Lamartine Babo e Pedro Caetano. Recordou-se vozes singulares, como as de Orlando Silva, Carmem Miranda, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba e Francisco Alves. E visitou-se cantos importante da história da marchinha na cidade do Rio de Janeiro, como a Praça Onze e a Rádio Nacional, palco do desfile de grandes compositores e intérpretes do gênero pesquisado. Procurou-se abordar, em subtemas, intérpretes, compositores, discurso da marchinha, história da marchinha e locais de relevância para a construção e consolidação do gênero estudado.

A marcha da história

As atividades realizadas no Brasil, que antecederiam a Quaresma, em 1553, foram trazidas pelos primeiros colonos portugueses, segundo Felipe Ferreira (2004, p.79). Somente na década de 1830, o carnaval moderno, este que conhecemos hoje em dia, começa a ser difundido no país. No século XIX, o Brasil passou por diversas mudanças sociais, com a chegada da Família Real Portuguesa ao Rio de Janeiro. A cidade se transformaria rapidamente e seria influenciada por costumes europeus, principalmente pela sofisticação e intensa vida mundana da França. (idem, p.104)

Os primeiros bailes carnavalescos no Brasil foram diretamente influenciados pelo estilo francês. Edigar de Alencar (1965, p.18) aponta que as músicas tocadas nos bailes à fantasia, realizados em 1840 no Rio de Janeiro, mostram essa aculturação. Por muito anos, foram cantadas no carnaval músicas sem qualquer sentido carnavalesco: valsa, xote, quadrilha, polca, maxixe, hinos de guerra, trechos de ópera, cantigas de roda e até árias de operetas.

Os ritmos norte-americanos também chegaram ao Brasil, como o *ragtime*. (idem, p.36) Produto da mescla rítmica de polca ao *one-tep* e ao *rag-time*, a marchinha, como conhecemos hoje, apareceu no carnaval, entre 1911 a 1920. Porém, a vontade popular dos foliões de ter uma cantiga carnavalesca própria já pulsava muito antes desse período. (idem, p.30) Em 1899, os dirigentes do Cordão Rosa de Ouro procuraram a maestrina Francisca Gonzaga, a Chiquinha Gonzaga, e pediram a ela uma composição para que o grupo pudesse

brincar o carnaval. A canção composta foi “Ó Abre Alas”, uma marcha-rancho considerada a primeira canção carnavalesca brasileira. Ferreira (2014, em entrevista às autoras) afirma que a marcha acabaria se tornando a música típica do carnaval e quase exclusivamente um gênero musical carnavalesco.

Alencar (1965, p.37) afirma que as canções carnavalescas têm seus aspectos formais e temáticos múltiplos: “a marcha é folclórica, satírica, lírica, brejeira, maliciosa, disfarçada ou tendenciosa, caricatural e gargalhante. A maioria das Marchas apresenta um discurso sucinto e de grande apelo popular, para que os foliões possam aprender rapidamente as canções”.

Os compositores de marcha se aproveitam de tanta multiplicidade para construir, na linguagem musical, críticas aos costumes e acontecimentos. João Roberto Kelly (2014, em entrevista às autoras) conta que a música “Cabeleira do Zézé”, marcha ganhadora do concurso de carnaval de 1964, escrita em parceria com Roberto Faissal, teve como inspiração um garçom de um bar de Copacabana, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro. O garçom reproduzia, no modo de se vestir e de cortar o cabelo, os Beatles, a banda de rock inglesa de grande sucesso, na década de 60. Kelly teve a ideia de transformar aquele personagem e seus hábitos, em tema de uma de suas mais populares marchinhas.

João Roberto Kelly (idem) pontua que diversos compositores transformaram acontecimentos cotidianos em marchinha, como a marcha “Retrato do Velho”, de Haroldo Lobo e Marino Pinto, que glorificava a volta de Getúlio Vargas ao poder; e “Ai Seu Mé”, de Freire Júnior e Luiz Nunes Sampaio, marcha dirigida a Rui Barbosa, entre tantas outras canções carnavalescas com esse teor. Pedro Ernesto (2014, em entrevista às autoras) concorda com Kelly: “Acontecimentos e costumes são as principais matrizes condutoras da temática da marcha de carnaval”.

As permanentes críticas à linguagem das canções carnavalescas, por serem consideradas chulas e de mau gosto, são evidenciadas por Alencar (1965, p.26): “A linguagem, de início, foi unicamente erudita, mas, com a modernidade, tudo mudou. Não se pode exigir de compositores iletrados da época poemas de boa sintaxe; e o que há de interessante é a simplicidade, a originalidade e o tom rude da linguagem autêntica”.

Os grandes compositores

No presente trabalho pesquisou-se os compositores que deixaram um legado para a música popular, que influenciaram gerações de artistas carnavalescos e marcaram a história

do carnaval. O radialista e historiador Osmar Frazão (2004, em entrevista às autoras) ressaltou a importância dos compositores, como Lamartine Babo, Haroldo Lobo, João de Barro, Pedro Caetano, Max Nunes, Laércio Alves, Benedito Lacerda, Humberto Porto, Joubert de Carvalho e Noel Rosa. Frazão critica o fato de que “artistas de tanta importância que produziram uma obra de extrema relevância para a cultura nacional, não tenham, infelizmente, o reconhecimento merecido”.

São destacados por Alencar (1965, p. 195-218), como compositores importantes para a marchinha: Lamartine Babo, compositor de sucessos como “Moleque Indigesto”, “Teu Cabelo Não Nega” e o “Hino do Carnaval Brasileiro”; Noel Rosa, que se destacou por composições de samba e de marchinha - “A E I O U” e “Pierrot Apaixonado” foram sucessos do carnaval, na década de 1930 - e “Moleque Indigesto” foi composto em parceria com Lamartine Babo; Pedro Caetano, que compôs, com Claudionor Cruz, o sucesso carnavalesco “Eu Brinco”; Haroldo Lobo, de inúmeras marchinhas, como “Miau Miau” e “Clube dos Barrigudos”; João de Barro, o Braguinha, responsável por sucessos como “As pastorinhas”, em parceria com Noel Rosa, e “Vai com Jeito”; Max Nunes e Laércio Alves, os autores de “Bandeira Branca”, marchinha que caiu no gosto popular; e os compositores Benedito Lacerda e Humberto Porto, de “Jardineira”, canção consagrada na voz de Orlando Silva, em 1938.

O compositor João Roberto Kelly (2014, em entrevista às autoras) citou Náassar e Frazão, dupla de compositores que emplacou, durante as décadas de 1930 e 1940 sucessos do carnaval carioca, como a marcha “Floribela”. Pedro Ernesto (2014, em entrevista às autoras), presidente do Cordão da Bola Preta, lembrou o clássico carnavalesco “Sassaricando”, composto por Luiz Antônio, Zé Mario e Oldemar Magalhães; a memorável “Marcha do Cordão da Bola Preta”, composta por Vicente de Paiva e Néelson Barbosa; e a alegre marcha “Mamãe Eu Quero”, composta por Vicente de Paiva e Jararaca. Ferreira (2014, em entrevista às autoras) ressaltou a importância de João Roberto Kelly para a música de carnaval, recordando clássicos, como “Mulata Iê Iê Iê”, “Cabeleira do Zézé”, “Rancho da Praça Onze” e a “Marcha do Xixi”.

Alencar (1965, p.21) afirma que “o intérprete das canções é transitório, o que fica é a obra, e, portanto, o seu autor”. Mas João Roberto Kelly e Osmar Frazão (2014, em entrevista às autoras) ressaltam a relevância do intérprete para o sucesso de uma canção. Segundo Kelly, a interpretação de Emilinha Borba em “Mulata Iê Iê Iê” fez toda diferença na canção, pois a voz da artista se encaixava na métrica pedida pela música. Osmar Frazão

afirmou que se torna muito mais fácil a divulgação de uma canção se o intérprete tiver reconhecimento na música popular brasileira, pois a aceitação do ouvinte é facilitada pela familiaridade com a voz. Osmar Frazão (idem) ressaltou a importância de Francisco Alves, Carmem Miranda, Dalva de Oliveira e Orlando Silva. Pedro Ernesto (2014, entrevista às autoras) resalta a importância de Carmem Costa, intérprete da primeira gravação do Hino do Cordão da Bola Preta. João Roberto Kelly (2014, entrevista às autoras) destacou Emilinha Borba e até Chacrinha, que regravam seus sucessos.

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi a primeira emissora oficial instalada no Brasil na década de 1920. A Rádio Clube do Brasil surgiu logo depois. Segundo Ferreira (2004, p.334), as duas rádios tiveram grande importância na cultura brasileira, mas deixaram de lado elementos populares por terem uma programação educativa e voltada para a elite nacional.

Na década de 1930, durante o Governo de Getúlio Vargas - principalmente após a criação da Rádio Nacional - o rádio passa a ter uma enorme participação na vida da população brasileira e se torna uma mania nacional, consolidando-se como o mais importante meio de comunicação de massa no Brasil. (FERREIRA, idem)

De acordo com Frazão (2014, entrevista às autoras), o rádio foi o maior difusor das músicas carnavalescas, revelando ao público grandes compositores e intérpretes e fazendo com que grandes marchinhas se tornassem sucesso no país. Porém, a marchinha perdeu o espaço que conquistou dentro do rádio para outros gêneros musicais que surgiram ao longo do Século XX.

Em entrevista concedida às autoras, Pedro Ernesto (2014) aponta que, atualmente, a indústria fonográfica não tem interesse comercial pela marchinha, e que os meios de comunicação, como a TV, também não demonstram empenho nem interesse em divulgar o gênero. Os blocos e cordões de carnaval foram grandes divulgadores das marchinhas pelas ruas das cidades, principalmente no Rio de Janeiro, durante o século XX e, de acordo com Pedro Ernesto (idem), hoje em dia, com o ressurgimento do carnaval de rua, há um esforço dos amantes do gênero para reviver essas canções, porém os novos gêneros musicais, como axé, funk, sertanejo e até mesmo o rock acabam por ofuscar as marchinhas.

Considerações finais

Através de uma linguagem audiovisual e da narrativa de personalidades importantes para o carnaval brasileiro, pode-se resgatar a história, o discurso, a temática, os intérpretes e

os compositores que construíram uma obra vasta e rica para esse gênero musical carnavalesco, entre eles, Francisco Alves, Carmem Miranda, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Chacrinha, Orlando Silva, Castro Barbosa, Carmem Costa, Virgínia Lane, João Roberto Kelly, Chiquinha Gonzaga, Jaime Brito, Pixinguinha, Joubert de Carvalho Lamartine Babo, Haroldo Lobo, Pedro Caetano e Noel Rosa.

Produziu-se um documentário no qual pode-se constatar que foi atingido o objetivo de resgatar, pelo menos em parte, a história de um gênero musical genuinamente brasileiro, que une todas as classes sociais, raças e credos na maior festa popular do país.

Os intérpretes e compositores apresentados no projeto construíram uma obra de relevância, que em nada fica a dever a outros gêneros musicais, como o samba, o samba-enredo e a MPB, que veio a florescer a partir da década de 1960.

Pode observar que a produção de marchinhas não está em evidência atualmente, mas as antigas melodias e letras seguem firme no imaginário do povo brasileiro e ainda influenciam artistas contemporâneos.

Desde a origem, o carnaval moderno brasileiro representou a mescla de um carnaval de elite (influenciado diretamente pelos franceses) e de um carnaval popular. A marchinha é fruto dessa miscigenação sociocultural, que desbancou outros gêneros musicais presentes nos bailes carnavalescos do século XIX, para se tornar um símbolo musical carnavalesco tipicamente brasileiro. Destaca-se o papel do rádio e dos blocos, que foram peças fundamentais para a consolidação da marchinha na cultura popular.

Observou-se que, se o gênero musical já não desperta interesse das emissoras de rádio e nem de televisão, os blocos de rua seguem as tradições carnavalescas e continuam entoando as marchinhas por onde passam.

Dentro dos contextos históricos e sociais analisados, observamos a importância da marchinha para a música popular brasileira. A marcha de carnaval ajudou a construir, com sua linguagem musical, uma identidade sonora tipicamente brasileira, que influencia outros gêneros musicais e que, juntos, constroem uma identidade cultural.

Referências

ALENCAR, Edigar de. **O Carnaval Carioca Através da Música. Volume I.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1965.

ALBIN, Ricardo Cravo. **O Livro de Ouro da MPB.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ERNESTO, Pedro. **Entrevista à Elias, Sarah; Fonseca, Taiana.** Rio de Janeiro, 13/09/2014.

FERREIRA, Felipe. **O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____ **Entrevista às autoras: Elias, Sarah; Fonseca, Taiana**. Rio de Janeiro, 01 dez. 2014.

KELLY, João Roberto. **Entrevista à Elias, Sarah; Fonseca, Taiana**. Rio de Janeiro, 05/09/2014.

FRAZÃO, Osmar. **Entrevista à Elias, Sarah; Fonseca, Taiana**. Rio de Janeiro, 23/09/2014.